

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO PRESENCIAL - GT 09: O SAGRADO NO
CAPITALISMO E O SANTO ESCANDALOSO

ONDE MUITA PIEDADE, LÁ POUCO DEUS”; FÉ COMO CONFIANÇA

Wilhelm Wachholz (wachholz@est.edu.br)

Na história da teologia cristã, o conceito de fé oscilou entre duas perspectivas: o intelectualismo doutrinário e a confiança existencial. A Escolástica medieval e a Ortodoxia protestante do século XVII aproximaram-se da vertente intelectualizada, definindo a fé como *notitia* (conhecimento) e *assensus* (assentimento) dos dogmas da Igreja, o que exigia um *sacrificium intellectus* (renúncia à crítica).

Em contraposição, a Reforma Protestante do século XVI resgatou o princípio do *sola fide* (justificação somente pela fé), fundamentando-se na compreensão neotestamentária, segundo a qual os termos gregos *pistis* e *pisteuo*, quando associados à preposição *eis*, carregam o sentido literal de "crer dentro" ou apego a uma Pessoa, e vétero-testamentários, segundo os quais a fé é essencialmente fidelidade e confiança irrestrita, simbolizada por Abraão. A partir de 1520, Lutero passou a conceber a fé como *fiducia* (confiança) e fundamento para as boas obras, diferenciando-se da linha mais intelectualista

Segundo Lutero, a fé é essencialmente dádiva de Deus e não uma deliberação racional do ser humano. A graça opera como um bem externo que a fé-dádiva (bem interno) interioriza. A pessoa crente responde a essa ação por meio do *cedere Deo* (ceder à pressão de Deus), um ato de submissão e abandono confiante à Palavra. Essa união transforma o indivíduo na imagem de Cristo

(conformitas Cristo). O ser humano justificado imita a Cristo não para se tornar pessoa cristã, mas por já ter sido transformado em uma. As boas ações fluem de forma espontânea, como o amor em um matrimônio, sem a intenção velada de barganhar recompensas ou acumular méritos.

Diferentemente de Inácio de Loyola, que enfatizava a renovação ética individual baseada no autodomínio da vontade e em exercícios de devoção, Lutero propõe uma reforma teológica focada na centralidade da doutrina e da fé-confiança. Lutero criticava severamente as obras de piedade autoescolhidas (a "fé inventada"), apontando-as como caminhos egocêntricos. Para ele, os desvios mais graves ocorrem na "primeira tábua" dos mandamentos (erros espirituais como a incredulidade, o desprezo à Palavra e a idolatria), que o mundo frequentemente confunde com profunda piedade. A incredulidade e a perda da Palavra formam a raiz oculta que, posteriormente, empurra a humanidade para os pecados morais da "segunda tábua" (violência, adultério, furto e homicídio)

Lutero concebe, assim, que, uma fé-piedade é construída a partir do "fazer as obras" da segunda tábua, visando reformar o ser humano moralmente. Para o reformador, contudo, o resultado desta inversão é uma piedade das obras, de caráter meritório e autossalvação. Neste caso, a "demasiada piedade" não passa de autoidolatria e, como tal, elimina Deus e Sua graça revelada na cruz em Cristo. Eis por que, enquanto a fé-piedade expressa uma identidade egocêntrica, a fé-confiança, ao tirar o ser humano de si e coloca-lo em Cristo, lhe confere uma identidade excêntrica (em Cristo) e o transforma em um ser relacional, apto a restabelecer vínculos comunicativos e de amor com Deus, com o próximo e com a criação.

Palavras-chave: lutero; fé; piedade; confiança.